



## **Estudo Empírico e Construção Metodológica para Desvendar o Caso Isabella nos Telejornais<sup>1</sup>**

Jocélia da Silva BORTOLI<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

Este artigo traz reflexões teóricas, construção metodológica e apontamentos do acontecimento transformado no Caso Isabella. O corpus envolve momentos clímax da cobertura, realizada por telejornais de cinco emissoras do canal aberto. Procuramos desvendar as lógicas produtivas de 18 de abril de 2008, dia em que a criança completaria seis anos, se não tivesse sido assassinada pelo pai e pela madrasta. Na mesma data, o casal prestou o segundo depoimento à polícia. Os indícios, deste estudo empírico, apontam a descaracterização da essência do telejornalismo, com a ruptura de normas que desembocam no superdimensionamento - uma proposta conceitual - ainda em elaboração.

**PALAVRAS-CHAVE:** telejornalismo; acontecimento; caso; midiáticação; comunicação.

### **Descobertas a partir do estudo empírico**

Por meio de estudo empírico prévio nos telejornais das redes Globo, Record, Bandeirantes, Sistema Brasileiro de Televisão e RedeTV News gravados com um único aparelho receptor, que resultaram em gravações de 35 DVDs, observamos que a midiáticação do Caso Isabella, em 2008, tomou proporções que romperam com os parâmetros das lógicas produtivas habituais dos meios de comunicação, sinalizando uma crise do telejornalismo com ruptura dos valores-notícia e adoção de protocolos não intrínsecos a esse gênero.

Diante dessa problemática, nos questionamos sobre quais foram os critérios adotados para midiaticar o caso, e se eles estariam associados a outros que não são essencialmente jornalísticos? Os valores-notícia estariam perdendo espaço para um discurso com valor superdimensionado com a predominância das modalidades do dizer frente ao conteúdo? Essa prática estaria ocorrendo com consentimento do jornalista, ou ele está tão afetado com o processo produtivo estratégico, que acaba impedido de perceber a sua transformação em perito de superprodução, e não de informação jornalística?

A midiáticação do caso foi tão intensa a ponto de nenhum veículo ousar em não dá-lo na manchete. O poder mobilizador desencadeou em alguns jornalistas a pergunta

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista e mestranda em Ciências da Comunicação da Unisinos-São Leopoldo, e-mail: joceliajb@yahoo.com.br.



sobre o porquê dessa prática, o que serviu de gancho para outras matérias. Refizemos essa pergunta a partir do olhar da pesquisa, tendo em vista que nosso objetivo não é elaborar uma nova matéria a respeito do caso, e sim, desvendar cientificamente as fases de sua construção.

Ao nos valermos da compreensão de que o Caso Isabella é um microacontecimento (SANTOS, 2006), temos como objetivo geral desvendar o porquê dele ter conseguido sobressair em relação aos demais assuntos, durante aproximadamente 60 dias de midiática permanente, em 2008, e retomar as manchetes dos telejornais no período de uma semana, em março de 2010, com o julgamento e a condenação do casal.

Os objetivos específicos desta pesquisa são apontar a correta compreensão do caso desconsiderando o senso-comum em função de conceitos pré-estabelecidos; compreender a contribuição da sociedade no processo de ruptura dos padrões do fazer jornalístico; identificar o mecanismo de afetação de campos na midiática do caso; observar e apontar a afetação do próprio jornalista diante do caso e o quanto isso colaborou para que o mesmo fosse espichado ao máximo nos telejornais; primar pela execução do telejornalismo sem a diluição entre informação e entretenimento, e por fim, contribuir para o exercício de um jornalismo reflexivo.

O estudo empírico da midiática do caso possibilitou-nos o lançamento das seguintes hipóteses:

- Ao se manifestar para que acontecesse justiça e registrar o acontecimento a partir do seu olhar, a sociedade estaria contribuindo com a ruptura dos padrões internos do fazer jornalístico?
- A base teórica e conceitual da comunicação não possibilita a adequada compreensão do processo produtivo do Caso Isabella, forçando a vê-lo como espetáculo, quando na verdade, necessita de outro conceito ou teoria para que seja compreendido. Se esse conceito não é válido para clarear o processo produtivo do caso, de que forma conceitual ele poderá ser desvendado?
- Os critérios de produção do acontecimento ao se desconectarem com os valores-notícia estariam sustentando a midiática extrapolada, rompendo com os atributos inerentes ao telejornalismo?
- A midiática do Caso Isabella estaria afetando outros campos, como a justiça, que passou a atuar em razão ou sob a pressão dela. Como essa afetação pautou a produção dos telejornais?

- A produção do acontecimento embasada no dualismo - informação e entretenimento – estaria comprometendo o padrão e as normas levando a diluição do telejornalismo, configurando um processo em crise?
- Mesmo ao se questionar sobre o porquê do caso ser tão mobilizador, o jornalista estaria tão afetado em buscar o melhor processo produtivo para deter o público, que compromete a técnica e a ética do seu trabalho?

A problematização, os objetivos e as hipóteses revelam os caminhos a serem percorridos no desenvolvimento desta pesquisa. É com base nelas que nos debruçamos no desvendar do caso, tendo como ponto de partida a imersão nos materiais.

### **Acontecimento**

Com natureza e características diferenciadas, o acontecimento considera o objetivo estratégico; o poder hermenêutico de revelar a natureza humana; a perspectiva da narrativa; o acontecimento como experiência; a relação com o passado; a revelação do campo problemático; a compreensão do sentido do acontecimento; o poder de esclarecimento; a necessidade de introdução de algo novo e inédito, e a imprevisibilidade (QUÉRÉ, 2005).

O excesso faz com que o acontecimento seja registrado de maneira anormal com destaque para a característica da inversão e a lógica produtiva através da enunciação com regras de caráter simbólico (RODRIGUES, 1999, p.27). “É sempre uma ordem dita em função das dimensões associadas do querer-dizer, do saber-dizer e do poder-dizer. Articula as instâncias enunciativas do sujeito e do objecto da enunciação, individuais ou coletivas, os agentes e os actores”, (ibidem, p.30). Para Rodrigues, a escolha dos termos, a ordem da apresentação e a seleção dos fatos expostos, pressupõem a existência de juízo de valor fundamentado em critérios.

Santos observa que os micro-acontecimentos são aqueles puramente auto-referenciais dos sistemas. “São acontecimentos que fazem parte de uma série e são relativamente previsíveis no âmbito dos respectivos sistemas”, (SANTOS, 2006, p.81). Já os macro-acontecimentos, ocorrem no meio ambiente dos sistemas. “O sistema integra o macro-acontecimento através de uma miríade de micro-acontecimentos posteriores que lhe fazem eco, o reflectem a partir do futuro, o envolvem *a posteriori* numa teia de tecidos e significações”, (ibidem).

O acontecimento trabalhado mais como repercussão e ruptura de quadros de normalidade social, normas, regras e convenções institucionais, constituindo autênticos

acontecimentos no sentido de inesperados e imprevisíveis. Essa perspectiva é da Babo Lança que observa que “o acontecimento é, pela sua própria natureza, aquilo que não é expectável e que nos apanha de surpresa”, (BABO LANÇA, 2008, p.3).

Os valores-notícia são divididos em processos de seleção e de construção do acontecimento por Traquina. Na seleção, são priorizadas as características de morte, relevância, novidade, tempo, notoriedade, proximidade, notabilidade, conflito, inesperado e infração. No processo de construção, predominam as características de simplificação, amplitude/visibilidade, personalização, dramatização e consonância. Os valores-notícia permitem o funcionamento de: “linhas-guia para apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia”, (TRAQUINA, 2005, p.78).

### **Superdimensionamento *versus* espetáculo**

Por não dar conta de explicar o estudo pretendido, esclarecermos que não foi acionada a teoria da sociedade do espetáculo. O cerne dela é a informação baseada no entretenimento, desconsiderando a especificidade da informação jornalística e, conseqüentemente, os conceitos chaves do caso proposto a ser estudado. A midiatização de um crime, que deveria primar pela seriedade jornalística, não pode ser desvendada com a mesma teoria que explica a midiatização de uma Copa do Mundo. Essa distinção é imprescindível para que seja evitada uma incoerência de análise.

Se considerássemos que tudo é espetacularização, estaríamos nos valendo da teoria da sociedade do espetáculo como guarda-chuva para revelar o caso. Como essa teoria não responde aos questionamentos desta pesquisa, qual poderia contribuir para que desvendássemos a midiatização do Caso Isabella? Essa inquietação nos move para uma elaboração conceitual, que depende de mais tempo de pesquisa e rigor para que seja propagada com cientificidade.

Guy Debord, em 1967, criou a teoria da sociedade do espetáculo com a vida social de um lado e a mercadológica de outro. Em sua constatação, a vida social é totalmente ocupada pela mercadológica, evidenciando o caráter depreciativo do capitalismo. Na sua visão, o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas mediada por imagens. Uma questão importante certamente, porém, que não nos dá elementos contundentes em nosso objeto de estudo.

Embora tenha obtido grande impacto em diversas teorias contemporâneas de sociedade e cultura, Kellner (2006) definiu que Debord foi generalista em sua

teorização. Kellner percebeu que a economia baseada na internet e na tecnologia contribuiu para o desencadeamento da informação misturada ao entretenimento. Os exemplos disso são as Olimpíadas, a Copa do Mundo, e os eventos esportivos de entretenimento como o Oscar e o Emmy, que celebram uma sociedade que valoriza a competição e a vitória dignas de espetáculo. Os festivais de teatro e poesia da Grécia, as ofertas públicas de pão e circo, e os monumentos para Césares triunfantes de batalhas em Roma são outros modelos de Kellner de espetáculo, que segundo ele, dissemina-se através da economia, da política, da sociedade, da cultura e do cotidiano.

A exemplificação de Kellner de espetáculo envolve ainda eventos comerciais, como os do McDonald's ou Nike; mega-espetáculos políticos que caracterizam determinado período, como a Guerra do Golfo de 1991, o julgamento de O. J. Simpson televisionado pelas emissoras americanas, os escândalos sexuais; a tentativa de *impeachment* de Clinton e a guerra contra o terror atual. “[...] Enquanto Debord apresenta uma noção geral e abstrata do espetáculo, eu emprego exemplos específicos de como os espetáculos são produzidos, construídos e divulgados”, (KELLNER, 2006, p.122).

Kellner refuta Debord por ser abrangente e acredita ser mais específico que ele em suas conceituações e exemplificações. Sem dúvidas, Kellner avançou na compreensão da teoria criada por Debord, entretanto, não se centra na produção dos acontecimentos voltados ao jornalismo. O foco dele é o espetáculo destinado ao entretenimento. Há maneiras diferenciadas de comunicar um mesmo assunto. Podemos comunicar focados no entretenimento ou na informação jornalística. Essa diferenciação, não encontrada na conceituação de Kellner, é fundamental para a execução de nossa pesquisa.

Diante da inexistência de argumentação teórica da comunicação condizente com o Caso Isabella, o estudo tenta estabelecer uma proposta conceitual, considerando o acontecimento transformado em caso midiático. A pesquisa depende de mais tempo de para adquirir maior cientificidade. Mesmo assim, nos atrevemos a dar o passo inicial.

### **Novelização e redundância**

A telenovela garante sucesso de público e a sua receita parece ter sido deslocada para o telejornalismo, que é organizado como um melodrama. “No Brasil, o jornalismo de TV tem muitas vezes o andamento de uma novela. A ascensão e queda de Collor, por exemplo, funcionou como uma grande telenovela [...]”, (BUCCI, 1996, p.146).

As narrativas dos fatos do mundo assumem estrutura e lógica própria das telenovelas. Essa constatação de ARBEX JR. (2005, p.114) revela a possível lógica produtiva dos telejornais sem oferecer algo novo como estabelece as técnicas jornalísticas. Com a inexistência da novidade, retoma-se o que já foi dito com a ilusão de um novo capítulo do acontecimento isso porque “a telenovela faz parte, domina, preenche, o cotidiano das pessoas, e, na maioria dos casos, de forma mais rica, mais densa e emocionante do que a própria vida”, (MARCONDES FILHO, 1994, p.45).

A redundância é uma grande aliada da novelização. Pignatari vê a comunicação como uma espécie de processo variável e estatístico condicionado pela interdependência de sinais, através das normas e regras que a relaciona e, que decide sobre o grau de informação. “As regras sintáticas introduzem redundância na mensagem, a fim de que a sua recepção correta fique melhor amparada”, (PIGNATARI, 2003, p.58).

A redundância no acontecimento acentua-se com a banalização do discurso televisivo e “[...] somada à sucessão de fragmentos tem por contrapartida a tendência a uma absoluta obviedade e redundância na mensagem espetacular [...]”, (REQUENA, 1995, p.82). Para REZENDE (1998, p.35), a redundância é “[...] um dos traços mais notáveis da indústria cultural e particularmente da televisão, como recurso indispensável para manter o espectador ligado à programação”.

Conforme Peixoto, a televisão é um contínuo de imagens com o telespectador se confundindo com o anúncio de pasta de dentes, que é semelhante à novela, que se mistura a transmissão de futebol. “Os programas mal se distinguem uns dos outros. O espetáculo consiste na própria seqüência, cada vez mais vertiginosa de imagens”, (PEIXOTO, 1991, p.77).

Temer explica que determinadas matérias jornalísticas se assemelham a certas histórias seqüenciais. Na sua constatação, cada capítulo ou episódio pode ser visto e compreendido em separado, como uma história única, com começo, meio e fim, mas que também faz parte de uma dinâmica interna – do desenvolvimento da vida dos personagens principais de uma trama seqüencial (TEMER, 2001, p.272).

GOMES (2004, p.85) destaca que a redundância tem a função de potencializar a compreensão de uma mensagem, sobretudo, na publicidade. “Ela é como sal na comida: de menos, torna-se insípida; de mais intragável. O segredo está em dosá-lo bem”. Para Sodré, “[...] o discurso jornalístico é fragmentário sem a continuidade típica da história, mas pretensamente colocado a um fato. Este, e não a totalidade histórica é o horizonte semiótico do acontecimento jornalístico”, (SODRÉ, 2009, p.49).

“Por mais que a mensagem transmitida pela TV seja banal, superficial e esquemática, sua complexidade semiótica é sempre grande”, (SANTAELLA, 1992, p.28). Para ela, isso ocorre porque se dá no mesmo tempo o som, o verbo, as imagens que: “podem adquirir feições as mais diversas e multifacetadas, além do ritmo, dos cortes, junções, aproximações e distanciamentos que provavelmente se constituem num dos aspectos mais característicos dessa mídia”.

### **Seleção jornalística e midiatização**

“Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma construção e seleção do que é selecionado”, (BOURDIEU, 1997, p.25). A definição provoca-nos a reflexão a respeito da lógica produtiva de um acontecimento com possibilidade de afetação entre informação jornalística e entretenimento. A idéia é de que o acontecimento jornalístico cada vez mais está distante de sua essência, contemplando naturalmente esse novo modelo em uma perspectiva sem diferenciação.

O valor de significação da noticiabilidade perde espaço para o valor extrapolado, fazendo com que surja um novo perito de superprodução, e talvez não mais, de informação jornalística. Essa prática é facilitada pelo relato do acontecimento que tem como consequência construí-lo midiaticamente (CHARAUDEAU, 2006, p.152). Charaudeau<sup>3</sup> apropria-se de Benoit Grevisse para dizer que a instância midiática institui-se num “meganarrador” compósito, incluindo a fonte, o jornalista que redige a notícia e a redação que se insere em uma determinada encenação.

Para Charaudeau, o problema consiste nos jornalistas saberem quem é o responsável por tal narrativa e o que significa o conselho dado a eles de “pegue o essencial”. O meganarrador constrói a narrativa quando o acontecimento bruto desenrola-se paralelamente à narrativa (narrativa em simultaneidade), e quando o acontecimento bruto já se produziu (narrativa de reconstituição), (ibidem, p.157).

No que se refere à midiatização, absorvemos a compreensão de que é uma nova organização e produção social com a transformação do estatuto dos meios que não são mais apenas mediadores (FAUSTO NETO, 2006). Nesse sentido, a midiatização faz surgir o terceiro sistema de processos midiáticos na sociedade. Trata-se do sistema de interação social sobre a mídia ou sistema de resposta social (BRAGA, 2006a, p.22).

---

<sup>3</sup> De acordo com CHARAUDEAU (2006), contrato de leitura é a justificativa para a execução de um determinado programa e a identificação com o público ao qual se destina.

“[...] A midiaticização é a chave da hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade. Nesse sentido a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais”, (GOMES, 2006, p.121). A midiaticização é um novo modo de ser no mundo em uma nova ambiência, significando “[...] um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal”, (ibidem, p.133-134).

O dispositivo midiático configurando-se a partir de um modelo triádico nas relações entre o social, o tecnológico e a linguagem é uma definição de Ferreira. Ele defende a idéia de que para compreendermos a midiaticização é necessário superarmos as várias ideologias em jogo na análise do conceito, superando os limites da tecnologia. Na sua concepção, para deciframos a midiaticização é preciso que seja feita a consideração do conceito de campo de Pierre Bourdieu (FERREIRA, 2007).

### **Construção metodológica**

O primeiro procedimento desta pesquisa contou com estudo empírico das gravações do Jornal da Band (JB), Jornal da Record (JR), Jornal Nacional (JN), Jornal do SBT (JSBT), RedeTV News e Jornal da Globo (JG), do Caso Isabella midiaticizado em 18 de abril de 2008. O dia 23 de março deste ano, segundo dia de julgamento do casal e depoimento da mãe de Isabella também faz parte do corpus. Essa fase engloba gravações de mais três telejornais<sup>4</sup> - Fala Brasil da Record, Jornal Hoje da Globo e SBT Brasil do SBT, os quais não serão analisados neste artigo.

Além das características de acontecimento, definimos como critérios de análise o modo de dizer (VERÓN, 2004) dos telejornais, tendo como parâmetros a redundância e a novelização. Inicialmente, fizemos a decupagem da midiaticização do acontecimento nos telejornais no dia proposto a ser estudado. A etapa resultou em 40 páginas e serviu para que tivéssemos condições de análise que não pairasse na superficialidade.

Antes de nos atermos à analogia particularizada de cada veículo, temos indicativos de que algo no caso é incomum, tornando-o misterioso na história da midiaticização brasileira. Trata-se do fator tempo porque o Caso Isabella permaneceu por aproximadamente 60 dias na pauta midiática. Ao abordarmos o fator tempo inevitavelmente surge como metodologia a análise de conteúdo. Porém, nosso trabalho não contempla a quantificação de dados com números comparativos em semanas

---

<sup>4</sup> Por causa do choque de horários dos telejornais, ampliamos as gravações para não perdermos materiais que pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.



compostas como sugere esse artifício. Dessa maneira, não estaríamos desvendando o discurso do caso midiático que passa pelo plano das modalidades do dizer. Descartamos a análise de conteúdo como metodologia para esta pesquisa, mas, não descartamos alguns critérios dela, como por exemplo, a pré-análise e a exploração dos materiais (BARDIN, 1977).

Os critérios da análise de conteúdo nos deram condições para desvendarmos o que sinalizavam as gravações dos telejornais. Ao nos valermos dos critérios da análise de conteúdo, observamos que o fator tempo exacerbado na midiática, funciona como um indicador de algo fuge do procedimento habitual do campo jornalístico, mas que não pode ser o maior direcionador desta pesquisa, porque estaríamos adotando uma alternativa simplista perante um caso cheio de emaranhados. Se trabalhássemos apenas com critérios da análise de conteúdo, não teríamos elementos reais para desvendar o acontecimento transformado em caso.

Para uma análise consistente, adotamos o procedimento metodológico do mapeamento do caso no JR que vai ao ar<sup>5</sup> às 20h10; JN, às 20h15; JB, às 19h20; JSBT, às 01h15; RedeTV News, às 20h55, e JG, às 23h50, em fases divididas da primeira a quinta. O estudo valeu-se de critérios da análise de conteúdo com a organização dos materiais baseados em dois pólos: a pré-análise e a exploração do material (BARDIN, 1977). O terceiro pólo de análise é o modo de dizer (VERÓN, 2004), entrando na esfera da discursividade.

Percorremos esses caminhos para chegarmos à análise de discurso porque nosso foco descarta a quantificação da informação, debruçando-se nas operações técnicas do acontecimento que passou por processo de produção. Mas que rigor científico estaria sendo adotado, diante do reconhecimento de que usamos critérios de uma metodologia que não é a predominante em nosso trabalho? Essa dúvida pairou em nossa pesquisa, entretanto, atentamos para o fato de que qualquer estudo passa por uma prévia observação, e indiscutivelmente, análise de conteúdo. A diferença é que nem todo pesquisador assume o papel dessa metodologia, para não deslegitimar aquela que é a principal norteadora do estudo.

Essa discussão poderia ter ficado de lado em nosso trabalho, como podemos suspeitar que aconteça em muitos outros casos, no entanto, é justamente o reconhecimento de como ela se processa que irá validá-la cientificamente. Seria possível entrarmos direto na metodologia da análise do discurso sem reconhecermos o

---

<sup>5</sup> Os horários seguem à grade de programação das emissoras que, eventualmente, passam por alterações.

valor da metodologia da análise do conteúdo? Acreditamos que, se tivéssemos feito dessa forma, estaríamos cometendo um grande erro aos desconsiderarmos passos que desvendam a construção da midiaticização do Caso Isabella, além de correremos o risco de entrarmos na possibilidade de estarmos ferindo o valor ético na pesquisa.

### **Acionando conceitos e teorias na análise dos materiais**

A primeira característica de acontecimento identificada nos telejornais estudados sobre o Caso Isabella é a revelação de um campo problemático, por causa da violência contra criança dentro de casa provocada pelo pai e pela madrasta. A origem do acontecimento é social intensificada pela desestruturação de uma família com predominância das características de inversão, infração e imprevisibilidade.

O grau de experiência ocorre com a entrevista feita pelo JB com Massataka Ota, pai de Ives, assassinado aos oito anos porque reconheceu o seqüestrador, que era ex-segurança da família. O Caso Ives serviu de exemplo para a compreensão do presente, que foi contado no *OFF2*, da segunda matéria exibida pelo JB:

Por volta de dez da manhã, o casal tentou deixar a casa, mas o tumulto era grande e ele desistiu. Reforço policial teve de ser chamado. A polícia fez um cordão de isolamento e o GOE – Grupo de Operações Especiais protegeu o casal com escudos. A madrasta de Isabella apareceu bastante aflita e chorando. Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá chegaram à delegacia para prestar depoimento por volta das onze e meia. Na rua, muitas pessoas com cartazes gritavam: “Assassinos”. A rua foi isolada. A imprensa ficou em local restrito. Até banheiro químico foi levado para as pessoas que queriam acompanhar o depoimento. Lugares estratégicos foram disputados. O primeiro a depor foi Alexandre Nardoni acompanhado de três advogados. Amanhã será a vez do pai e da irmã de Alexandre prestar depoimento. Os laudos foram entregues para a polícia na madrugada. O instituto de criminalista concluiu que não havia uma terceira pessoa na cena do crime. Que uma toalha e uma fralda foram usadas para limpar os ferimentos de Isabella antes dela ser jogada do apartamento, que os fragmentos de nylon encontrados na camiseta de Alexandre Nardoni eram da tela de proteção por onde Isabella foi jogada, e que o sangue achado no apartamento era mesmo da menina. O laudo do IML afirma que antes dela ser jogada, ela sofreu uma tentativa de esganadura. IsabellaIsabella ocorreu em decorrência da queda por politraumatismo. Com o impacto, ela teve uma asfixia agravada e uma embolia pulmonar, quando a circulação de sangue no pulmão é interrompida. Rodrigo Hidalgo de São Paulo para o Jornal da Band.

É com esse mesmo exemplo do *OFF2* que atentamos para o registro em excesso não apenas nesse telejornal, mas nos outros estudados. O relato do acontecimento por

meio da narrativa em reconstituição é presente em todos os telejornais. O grafismo televisual reforçou a característica da redundância. Criou-se a expectativa de que algo novo seria midiaticado nos *stand ups* dos repórteres em frente à delegacia. No entanto, a informação era sempre que Alexandre ou Anna estava depondo.

A repórter Ana Volpi entrou no ar três vezes ao vivo para o JSBT. Existia a possibilidade de uma quarta entrada, pois ao finalizar o terceiro *stand up* ela disse que retornaria com mais informações, mas não foi possível obtê-lo porque as gravações foram feitas com um único aparelho receptor. Carla Modena foi chamada ao vivo duas vezes para o JN e mais uma para o JG; Emérson Tchalian, duas vezes para o RedeTV News; Márcio Campos uma vez para o JB, e Thaís Furlan, uma para o JR.

O poder hermenêutico de revelar a natureza humana e a personalização centraram-se na Isabella e na Ana Carolina Oliveira. Isabella era midiaticada com uma rotina feliz exposta em fotografias e vídeos de apresentações na escola. A mãe era midiaticada com o sentimento de quem sofre a dor ao perder a filha em circunstância jamais imaginada. A característica da redundância foi explorada com as fotos de Isabella sozinha ou com a mãe, e ainda, com seus vídeos na escola.

No dia 18 de abril, Ana Carolina não concedeu entrevista, porém, divulgou mensagem no *Orkut* que os telejornais a reproduziram parcialmente ou totalmente. O trecho inicial continha que: “a morte não é tudo, não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu”. E a parte final dizia que: “estou simplesmente a sua espera, como num intervalo bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem”. A mensagem da mãe na rede social evidenciou a característica da reprodutibilidade do acontecimento no JB, JN, JR, JSBT, RedeTV News e JG.

O caso é um micro-acontecimento e os valores-notícia são encontrados no processo de seleção com as características de morte, tempo, notabilidade, conflito, inesperado e infração. No que tange à notabilidade, reforçamos que o pai da menina teve um papel preponderante ao ser o primeiro a chamar a atenção para o caso com a sua versão fantasiosa, despertando a vigilância não apenas daqueles que investigaram o crime, mas da sociedade, e principalmente, da mídia.

Já as características de relevância, novidade, notoriedade e proximidade, que também preenchem a etapa de seleção são mais complexas de serem compreendidas. A relevância está relacionada à brutalidade do crime e se explica pela própria notabilidade despertada por um dos autores da agressão. A inexistência da novidade foi um dos fatores que colaboraram para que o caso fosse espichado exaustivamente pelos

telejornais. O fato de o acontecimento ter adquirido notoriedade configura-se por ser uma criança de classe média paulista e pelo pai ter sustentado uma versão duvidosa sobre a morte da criança. Por fim, a proximidade, uma característica extremamente complicada de ser compreendida em um caso midiático em rede nacional, com cobertura até mesmo internacional, suscitando dúvidas na compreensão como um todo da característica.

Com relação aos valores-notícia acionados no processo de construção do Caso Isabella, constatamos que a linguagem era simplificada como prevê as normas do jornalismo, porém com o uso de artifícios que não são essencialmente jornalísticos com redundância excessiva e novelização com aspecto de dramatização e de comoção. A amplitude e a visibilidade são evidenciadas com as matérias sobre como os veículos estavam cobrindo o caso, o que também é uma característica de reprodutibilidade, como consta na primeira matéria do JR feita por Lúcio Sturm. No *OFF3* continha que: “no chão um batalhão de policiais. No alto, um batalhão de fotógrafos e cinegrafistas”.

A característica da consonância na construção do acontecimento se concretizou com a associação da madrasta à pessoa má. Alguns exemplos de dramatização ocorrem com as informações textuais falando do crime e as fotos de Isabella sempre sorrindo e feliz; e a tristeza não apenas da família, mas das pessoas mobilizadas até o cemitério, deixando flores e presentes no túmulo. Não podemos afirmar quando se dá o ponto zero de significação<sup>6</sup> do caso, porém, o primeiro registro foi de Messias de Souza Valdeci, que não ligou a luz da câmera, evidenciando que sabia ou suspeitava a respeito do procedimento de como registrar para midiaticar. O JR comprou as imagens e o áudio para reproduzi-los num total de nove OFFS:

**OFF1:** a câmera é ligada minutos depois de Isabella ser levada pelo resgate. Na primeira cena, estão a mãe de Alexandre Nardoni, dona Aparecida e a irmã Cristiane. A melhor amiga dela, Natália e um parente identificado como Júnior. A avó está desesperada.  
“Mata esse assassino. Covardia. Eles vão pegar. Se pegar, eu quero ele na minha mão”. (áudio original da gravação feita por Valdeci da voz de Aparecida e finalizado com choro) (...). **OFF9:** “Era uma menininha. Ela foi de tarde lá. Tava tão feliz. Me abraçou, me beijou” (áudio original da gravação feita por Valdeci da voz de Cristiane que termina com choro).

As gravações de Valdeci refletem a sociedade em midiaticação, o que nos desperta para a existência do fator externo na transformação do acontecimento no caso.

---

<sup>6</sup> Definição de RODRIGUES (1999).

O público inserido nesse processo, colaborou com o que compreendemos como superdimensionamento, descartando somente o envolvimento das empresas jornalísticas com critérios internos de produção do acontecimento até chegar ao estágio de caso.

Como definimos na construção metodológica, analisamos o caso em fases que vão da primeira a quinta nos telejornais. Na primeira fase, todos os programas deram o assunto na manchete e midiaticizaram como primeira matéria, seja através de entradas ao vivo dos repórteres ou com matérias. A exceção foi do RedeTV News que exibiu a matéria da manchete no terceiro bloco, curiosamente, depois do término dos outros telejornais em horários próximos.

Em razão de termos trabalhado a pesquisa em forma de síntese, neste artigo, não vamos detalhar as outras fases. JB, JSBT, JR, JN e RedeTV News tiveram cinco fases, e o JG, três fases. Essa divisão na análise possibilitou que fosse desvendado o caso com a evidência do caráter redundante. Um exemplo disso é JSBT, que após o apresentador Carlos Nascimento ler a cabeça da matéria sobre o indiciamento do casal, chamou o *stand up* de Ana Volpi em frente à delegacia, perguntando: “Ana, boa noite! Quando é que vai terminar o depoimento?”. Antes de encerrar o telejornal, ele chamou novamente a repórter para a terceira entrada ao vivo no mesmo local onde continuava o depoimento. A repórter informou detalhes dos laudos, os quais já tinham sido divulgados no *OFF3*, quando foi exibida a primeira matéria do caso no telejornal.

A comoção e a mobilização das pessoas foi intensa por causa do crime brutal contra Isabella provocado pelo pai e pela madrasta. O JR midiaticizou quatro matérias naquele dia sobre o caso. No *OFF4*, de uma das matérias realizadas pela apresentadora Adriana Araújo, continha que: “uma multidão movida pela curiosidade? Claro que sim! E mais que isso. Nas ruas, vi tristeza, tensão e perplexidade”. No *OFF6*, ela narrou: “nada trará Isabella de volta. Ela nos trouxe uma verdade esquecida: a vida não é. Não pode ser descartável. Ao chorar por Isabella, choramos também por nós”. A imagem era aérea aberta do túmulo de Isabella cheio de flores e sem ninguém à volta. Depois, a mesma imagem fechou-se no túmulo.

Na seqüência, são exibidas no JR duas fotografias do rosto de Isabella e de uma senhora chorando. Enquete9: “não dá para aceitar. Desculpa fia”. A matéria foi encerrada com imagens dessa mesma senhora de costas caminhando, enxugando as lágrimas e abraçada à outra mulher. Além da redundância e da novelização, observamos que, se a apresentadora saiu da bancada, era porque a midiaticização do telejornal procurou ser incomum. No *JSBT*, a primeira sonora da segunda matéria do caso tinha



como fonte a dona-de-casa, Risoleta Pereira, que declarou: “já lavei roupa, pus meu neto na escola, e agora, vou ficar aqui o dia inteiro”. Os exemplos são de que *JR* e *JSBT* exploraram a comoção e a mobilização nas suas matérias.

### **Considerações finais**

Os desvendamentos do Caso Isabella até o momento não divergem do que buscamos conceituar como superdimensionamento. Ao contrário, indicam o quanto os jornalistas se perderam na distinção entre entretenimento e informação jornalística na midiáticação do caso. Com base no estudo, a novelização originária das telenovelas, e a redundância, trabalhada pela propaganda, fragilizaram o acontecimento jornalístico tornando-o deslegitimador do telejornalismo.

Ao se aproximar do entreter, a midiáticação de um acontecimento perde a função original e passa a outra modalidade, que é o da comunicação, porém, não a jornalística. O caso em questão dependia de toda a seriedade possível, e não, dos mesmos critérios adotados para a midiáticação de uma partida de futebol, que pode ser construída como um grande espetáculo. O segredo para midiaticar uma pauta como de Isabella, está nessa capacidade de discernimento, que parece simples, mas não encontrada na prática.

A relação mídia e sociedade, envolvendo ainda o campo da justiça, contribuíram com o superdimensionamento nos telejornais. Essa relação não se deu de forma igualitária, porque o eixo dela era dos jornalistas, que podem ter se perdido em meio às operações técnicas e produtivas. Se não fosse assim, Isabella seria simplesmente a vítima, e não, o Caso Isabella.

### **Referências bibliográficas**

- ARBEX JR., J. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 4ª Ed., São Paulo: Casa Amarela, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BABO LANÇA, I. **Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional**. Conferência de abertura do I Colóquio de Imagem e Sociabilidade. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, J.L. **A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de críticas midiáticas**. São Paulo: Paulus, 2006a.
- BUCCI, E. **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.



FAUSTO NETO, A. **Mediatização: prática social, prática de sentido**. Paper Seminário Mediatização: Bogotá, 2006.

FERREIRA, J. ; VIZER, E. (orgs.). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

GOMES, P. G. **Tópicos de teoria da comunicação**. 2ª Ed., São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

KELLNER, D. **Cultura da Mídia e Triunfo do Espetáculo – Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

PEIXOTO, N. B. **As imagens de TV tem tempo?** In: NOVAES, A. (org.). **A rede imaginária**. 2ª Ed., São Paulo: Cia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

PIGNATARI, D. **Informação, linguagem, comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

QUÉRÉ, L. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. In: TRAJECTOS. Revista de Comunicação, Cultura e Educação: Lisboa, 2005.

REZENDE, G. J. **Perfil editorial do telejornalismo brasileiro**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

RODRIGUES, A. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: teorias, questões e estórias**. Lisboa: Vega, p.27-33, 1999.

SANTAELLA, L. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

SANTOS, J. M. **Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos**. In: TRAJECTOS. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, número 8-9, p.17-27: Lisboa, 2006.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2009.

TEMER, A. C. R. P. **Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. 2ª Ed., Florianópolis: Insular, 2005.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.